

Autor: Domingo Villarrubia Norri – Escuela de Psicoanálisis de Tucumán

Título: A Experiência da Psicanálise e Convergência

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

---

Este trabalho surge através de uma pergunta gerada em mim a partir de participar em convergência na comissão de enlace de Tucumán. Naqueles dois anos de trabalho nos perguntávamos como transmite-se a idéia de convergência, como se atinge maior participação e como é que se expõe a experiência da psicanálise, eixo deste congresso no qual hoje participamos. Mas particularmente me pergunto como se transmite a convergência aos jovens analistas. (jovens incumbidos no discurso da Psicanálise)

Tentarei buscar alguns elementos para poder pensar as perguntas.

Na ata fundacional de Convergência de 1998, entre seus objetivos se propõe multiplicar e estimular os laços, e favorecer o intercâmbio e a discussão entre analistas; de um jeito diferente (no seu último objetivo) à instauração de um laço piramidal.

Dita ata diz: “convergência sancionará em ato o princípio de uma pluralidade de laços heterogêneos entre os analistas”.

Neste sentido poderíamos pensar nos analistas com maior experiência, analistas que participaram na fundação de convergência e que contam com maior caminho por este movimento; como os encarregados de tender estes laços de um jeito não piramidal, quer dizer, transmitir a idéia de convergência aos jovens analistas. Mas quando falamos de analistas de maior experiência, de que estamos falando? Experiência de que tipo?

Pensem em diferentes concepções deste termo. Quando falamos de experiência acostumamos pensar no experto de um ofício ou profissão, à maneira do trabalhador em que seus anos de trabalho deixaram marcas nas suas mãos e em sua sapiência

em relação a sua labor; e é quem deverá ensinar a seus aprendizes seu ofício, baseado em uma soma de resultados positivos.

Karl Popper, relata uma experiência deste tipo que viveu-a com Adler, e diz: - informei-lhe de um caso que não parecia particularmente adleriano, mas ele não achou dificuldade nenhuma em analisá-lo em termos de sua teoria de sentimentos de inferioridade mesmo que não havia visto à criança. Experimentei uma sensação um pouco chocante e perguntei-lhe como podia estar tão certo: "por minha experiência de mil casos" respondeu; ao que não conseguí evitar responder: "E com este novo caso, suponho, sua experiência se baseia em mil e um casos".- *Karl Popper*.

Encontramos-nos com a questão da experiência da análise. O problema que nos apresenta é nomeá-lo como experiência, no sentido de vivência como acontecimento para relatar. Por que esta experiência não é ao jeito do mestre, cuja experiência o ajuda a posicionar-se em um ofício.

"... penso em todos os pacientes que vi passar pelo divã durante quarenta anos. Nenhum se parece em nenhuma medida ao outro, nenhum tem as mesmas fóbias, as mesmas angustias, a mesma maneira de contar, o mesmo medo de não entender." (*Jacques Lacan*) *EscritosII*.

A razão desta dificuldade centra-se no paradoxal desta práxis que apresenta uma impossibilidade lógica para nomear analistas de experiência já que em cada cura se reinventa a psicanálise; é sempre um novo dizer para o qual o analista nunca está prevenido...como dar conta dela na transmissão???

A prática não é transmissível desde o saber teórico; se bem a prática não é sem conceitos prévios, tampouco é a aplicação de uma teoria. A teoria avança sobre a experiência mesma da análise. Prática e teoria não se separam em tanto haja um analista.

Poderíamos dizer que esta experiência não se transmite só pelo relato da clínica; é legível no jeito em que se realiza a clínica de um texto. Não podemos nomear a experiência como constituinte de um mestrado, nem supôr ao bom teórico da psicanálise um saber fazer em sua prática cotidiana. Não pode ser relatada cabalmente nem pelo analista nem pelo analizante, mas como experiência de uma falta (diz *Eva Lerner*).

Impossível transmissão sem resto de uma experiência pelos limites da linguagem para nomear a emergência do sujeito e pelo incalculável do ato analítico. Experiência de leitura da letra, renovada cada vez que faz corte por que aí faz escritura. O real que não cessa de não se escrever.

*Nasio* diz que no caminho que transitam analista e analizante, há momentos de ruptura, momentos radicais aos que chamamos de experiência.

Existem dois atos fundamentais; o ato de aceitar analisar ao paciente e o ato de enunciar a regra fundamental. Através destes o analista transmite sua própria relação simbólica com a Psicanálise; quer dizer com a história da psicanálise, com os escritos, com os ideais, e até com a comunidade de analistas, poderíamos dizer fundamentalmente com os laços estabelecidos com a comunidade de analistas. Podemos pensar aquí uma impronta muito particular própria de convergência.

Mas sobre tudo nesses dois atos se conduz a experiência que o mesmo analista tem tido em sua própria análise. Todo analista está disposto até algo; esse algo é uma experiência singular: a de saber perceber fora dele mesmo-perceber de modo inconsciente- o inconsciente na análise.

Possível conclusão

Retomemos a ata fundacional de 1998; esta diz:

“...reconhecemos em ato o fato de que a transmissão através do texto tem-se convertido hoje em uma modalidade preponderante na difusão do ensino de Lacan.

Estamos advertidos, embora, de que a transferência sobre os textos só é operante em psicanálise na medida em que seu discurso esteja mantido por uma enunciação e onde o saber encontre-se deste modo interrogado pelo efeito didático da psicanálise de cada quem”.

Poderíamos pensar a transmissão pela via de que um sujeito pensa. A construção de laços tem a ver com o discurso da psicanálise (em extensão); poder dizer o que se pensar; propiciando a transmissão, criando as condições para que isso seja possível, diferente de ver-nos tentados de garantizá-la, tentados em um discurso do amo. O lugar privilegiado da transmissão é a análise (em intensão).

Por que os jovens analistas teríamos que esperar que analistas de experiência nos mobilizem para termos maior participação em Convergência?

Entre algum de meus colegas jovens analistas encontrei algumas dificuldades para apresentar neste congresso algumas linhas de pensamento, e creio que se entre os objetivos de convergência encontra-se: “convergência sancionará em ato o princípio de uma pluralidade de laços heterogêneos entre os analistas”... de uma maneira não piramidal...Então talvez não tenha que nomear-se como analistas jovens; analistas, (analizantes), e uma maneira de *laços de uma forma não piramidal*, seja que hoje possa-se plantear estas perguntas em convergência.

“A formação e a nomeação dos analistas permanecem como competência de cada uma das associações de Convergência. Nosso movimento favorecerá o tratamento desta paradoxal.” Ata fundacional 1998.

Domingo Villarrubia Norri.

Bibliografía:

- Popper, Karl: *La ciencia: conjeturas y refutaciones*, cap.1 *El desarrollo del conocimiento científico* (1962), Buenos aires: Paidós
- Lerner, Eva: *La experiencia del analista: ¿experiencia de un oficio o experiencia de la falta?* Publicación interna: E.F.B.A. (2003)

- Lacan, Jacques: Escritos 1: *El Psicoanálisis y su enseñanza, Comunicación presentada en la Sociedad Francesa de Filosofía en la sesión del 23 de febrero de 1957*. Siglo Veintiuno editores (2008).
- Lacan, Jacques: Escritos 1: *Situación del Psicoanálisis y Formación de Psicoanalistas en 1956*. Siglo Veintiuno editores (2008).
- Lacan, Jacques: *Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el Psicoanálisis de la Escuela*.
- Nasio, Juan David: *Como trabaja un Psicoanalista*. Reuniones del Seminario I y II (1997), Buenos Aires: Paidós.
- Convergencia: Acta fundacional (1998).